



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM
Nº 01 – Ano I – 05/2012
www.ufvjm.edu.br/vozes

Uma Proposta de Transversalidade na Educação Básica a partir das obras de Viajantes e Naturalistas do Século XIX

Prof^ª. Dr^ª. Danielle Piuzana Mucida
Professora Adjunta II da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
E-mails: dpiuzana@yahoo.com.br / danielle.piuzana@ufvjm.edu.br

Prof. MSc. Marcelino Santos de Moraes
Doutorando em Geografia
Professor da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da UFVJM
E-mail: morais.marcelino@ufvjm.edu.br

Alcione Rodrigues Milagres
Bacharel em Humanidades pela UFVJM
Graduanda em Licenciatura em Geografia da UFVJM

Fabício Antonio Lopes
Bacharel em Humanidades pela UFVJM
Graduando em Licenciatura em Geografia da UFVJM

Resumo: A proposta de uma educação de qualidade deve estar vinculada à inserção dos Temas Transversais nas escolas com a finalidade de ampliar os conhecimentos de forma que não fiquem restritas apenas as áreas tradicionais e sim os relacionem a outros temas, como: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho, Consumo e Temas Locais, dando relevância a interdisciplinaridade. Visando auxiliar a qualidade da educação básica no Vale do Jequitinhonha, respeitando as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o presente artigo propõe a inserção das obras dos viajantes e naturalistas do Século XIX no ensino básico como mais uma possibilidade de inserção dos

Temas Transversais de forma dinâmica e complementar, proporcionando ao aluno a capacidade de perceber sua realidade e gerar críticas em torno dela.

Palavras-chave: Viajante/ Naturalista, Parâmetros Curriculares Nacionais, Temas Transversais, Interdisciplinaridade.

Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos voltados aos coordenadores, professores ou dirigentes do ensino básico (fundamental e médio), elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de estabelecer um padrão curricular para o Brasil e proporcionar aos alunos os conhecimentos necessários para exercerem a cidadania. Assim, os PCNs não são regras, mas bases referenciais à educação, pressupondo que escolas nas mais distintas regiões do país devam adaptá-los às suas peculiaridades locais e ou regionais.

Temas Transversais nominados Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo devem perpassar pelos conteúdos obrigatórios curriculares em todas as etapas do ensino básico (BRASIL, 1997a, 1998a). Com isso, temas locais devem ser desenvolvidos de forma contínua e integrada, independente da área de atuação do professor, dando relevância à interdisciplinaridade (MILAGRES *et al*, 2010).

De acordo com os PCNs, os Temas Transversais proporcionam a inserção de questões sociais à estrutura curricular, implicando uma metodologia de ensino interdisciplinar e preocupada em respeitar a faixa etária de cada aluno. A junção da transversalidade e interdisciplinaridade desenvolverá nos alunos habilidades de aprendizagem condizentes com sua realidade. Assim, atualmente, os Temas Transversais e a interdisciplinaridade são parâmetros para práticas pedagógicas:

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares,

possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos (BRASIL, 1998a, p.30).

Portanto, os Temas Transversais inseridos na educação básica servem como eixos de articulação no processo educativo dando maior flexibilidade a este, uma vez que se podem incluir novos temas dentro da realidade local e regional de cada instituição de ensino.

Em termos estruturais, o currículo escolar da educação básica do Brasil é dividido em ensino fundamental e médio. No Ensino Fundamental o PCN subdivide-se em 1ª a 4ª séries com volumes voltados para conteúdos tradicionais (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, Geografia e História, Artes e Educação Física) além dos Temas Transversais. Já os conteúdos de 5ª a 8ª séries há o acréscimo de Língua Estrangeira aos conteúdos tradicionais. O ensino médio passa a ser composto pelas disciplinas tradicionais subdivididas em eixos temáticos: 1) Ciência Humanas e suas Tecnologias, 2) Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e 3) Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, entrelaçados aos Temas Transversais (FIGURA 1), sendo a Ética um dos mais trabalhados por estar presente no cotidiano das pessoas e pela necessidade de discuti-la nas várias dimensões da vida social.

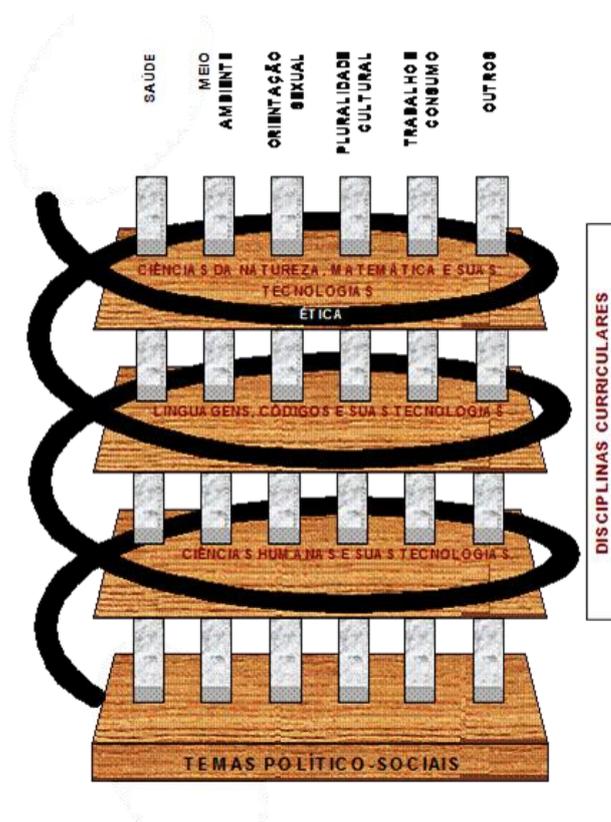


Figura 1 – Estrutura do Currículo escolar do ensino médio no Brasil. Fonte: Moraes, 2007.

Reconhecendo a flexibilidade proporcionada pelos PCNs e a oportunidade de adaptar os Temas Transversais à realidade de cada escola e faixa etária dos alunos, propõe-se neste trabalho a inserção de obras dos viajantes e naturalistas do Século XIX nas escolas do Vale do Jequitinhonha, como possibilidade de transversalidade dos diversos eixos presentes nos PCNs. Tal inserção pode ocorrer nas mais diversas áreas do conhecimento, além de propiciar assuntos relacionados à sua região que são mais atraentes e significativos, aguçando assim uma visão mais crítica dos problemas mundiais voltados para sua realidade, trazendo mais qualidade aos níveis e modalidades da educação brasileira.

O Vale do Jequitinhonha, em especial o município de Diamantina, apresenta uma espetacular possibilidade de reconstruir diversos aspectos da vida cotidiana cuja ocupação remonta ao século XVII (LOPES *et al*, 2011). Isso se justifica por essa região ter sido intensamente descrita, reescrita e interpretada por inúmeros Viajantes e/ou naturalistas que vieram ao Brasil, mais especificamente à Diamantina, atraídos, principalmente, pelo erário mineral (TABELA 1). Apesar do foco em bens preciosos esses viajantes e/ou naturalistas muito descreveram em seus cadernos de campo (que posteriormente vieram a se tornar livros) aspectos de cunho ambiental, botânico, social, cultural, geográfico, geológico e costumes do Brasil oitocentista. Essas descrições de importância inter e transdisciplinar vieram a contribuir com a historiografia brasileira e hoje nos permite fazer um resgate geográfico, histórico e cultural de uma região que foi economicamente importante para o Brasil (LOPES *et al*, 2011).

Acreditando na inserção da obra dos viajantes e naturalistas como um caminho a uma melhor educação para o Vale do Jequitinhonha, este artigo tem o objetivo de nortear e aprimorar formas de utilizar essas obras nos ensinamentos fundamental e médio das escolas, levando em conta as peculiaridades do Vale do Jequitinhonha, a faixa etária dos alunos e os Temas Transversais contidos nas obras.

Viajantes	Nacionalidade	Formação/Profissão	Época de passagem no Brasil
John Mawe	Inglês	Comerciante	1809-1810
G.W. Freireys	Russo	Naturalista	1814-1815
Barão de Eschwege	Alemão	Mineralogista	1811 -1821
Auguste de Saint-Hilaire	Francês	Botânico	1817 - 1822
K. Martius e J. Spix	Alemães	Zoólogo/Botânico	1818
Johann E. Pohl	Austriaco	Médico e Botânico	1818, 1820 - 1821
Alcide D' Orbigny	Francês	Naturalista	1833 - 1834
George Gardner	Inglês	Médico naturalista	1840
Johann Jakob Von Tschudi	Suíço	Naturalista	1858
Richard Francis Burton	Inglês	Geógrafo/Diplomata	1867

Tabela 1 – Viajantes e Naturalistas que estiveram no Vale do Jequitinhonha e região de Diamantina no século XIX. Fonte: Modificado de Ribeiro 2005, p. 365.

1. Proposta de Transversalidade

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL 1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 1998c, 2002), não há uma separação dos Temas Transversais por modalidade, ao contrário, todos esses temas devem ser trabalhados em todas as séries do ensino fundamental e médio variando, entretanto, sua intensidade e profundidade. As formas de diferenciar os conteúdos devem ser as particularidades de cada realidade, a capacidade cognitiva dos alunos e o conteúdo didático de cada área.

Há afinidades maiores entre as áreas e o foco transversal, por exemplo, se este for saúde sua abordagem será mais fácil dentro das ciências naturais; caso o foco seja pluralidade cultural, a história e a geografia serão os proponentes na abordagem do conteúdo.

Na sequência deste artigo, os Temas Transversais serão trabalhados dentro das descrições dos viajantes e naturalistas e em cada modalidade de educação (ensino fundamental de 1º ao 5º ano, ensino fundamental de 6º ao 9º ano e ensino médio) de forma que ocorra uma interlocução do fornecimento de informação transversal presente nas obras e a capacidade cognitiva de cada modalidade.

1.1 Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

Nesta modalidade as crianças têm as primeiras idéias sobre o ambiente e corpo humano. Assim, acredita-se que o aprendizado será mais eficiente por meio da observação, comparação e busca e registro de informações. Os temas/informações contidos nas obras não devem ser diretamente trabalhados com os alunos uma vez que existem termos técnicos nas obras. Tais informações devem ser primeiramente tratadas pelo professor e adaptadas a uma linguagem mais condizente à faixa etária. A possibilidade de construção de uma cartilha em história em quadrinhos seria uma boa forma de trabalhá-los.

Após a adequação das informações à realidade etária dos alunos, estas se tornarão um valioso instrumento pedagógico sobre o Vale do Jequitinhonha no que se refere às questões do meio ambiente e sua preservação, desenvolvendo assim as primeiras noções de consciência ambiental, inicialmente indicada pela beleza natural da região que tanto surpreendia os viajantes:

Quase parece que a natureza escolheu para a região originária dessas pedras preciosas os mais esplêndidos campos e os guarneceu com as mais lindas flores. Tudo que até agora havíamos visto de mais belo e soberbo em paisagens, parecia incomparavelmente inferior diante do encanto que se oferecia aos nossos olhos admirados. Todo o Distrito Diamantino parece um jardim artisticamente plantado, a cuja alternativa de românticos cenários alpestres, de montes e vales, se aliam mimosas paisagens de feição idílica.[...] Sente-se o viajante, nesses deliciosos jardins, atraído de todos os lados por novos encantos e segue extasiado pelos volteios do caminho sempre nas alturas que o leva de uma a outra das belezas naturais (Spix & Martius, 1981 p. 27).

Informações sobre os seres vivos e seus costumes podem ser interpretadas por meio de observações de gravuras muito comum nas obras oitocentistas que retratam o cotidiano das pessoas, paisagens, estruturas urbanas, minerais e plantas no século XIX no Vale do Jequitinhonha. As interpretações das iconografias oitocentistas são práticas pedagógicas para essa modalidade de ensino. O conteúdo apresentado em cada desenho pode ser utilizado como Tema Transversal: a cena do garimpo praticado na região pode ser utilizada como tema de Cultura e Meio Ambiente, levando o aluno a pequenas reflexões sobre o que representa o garimpo em sua região, a importância da extração do mineral para o Brasil e quais foram os impactos deste para o meio ambiente (FIGURA 2).

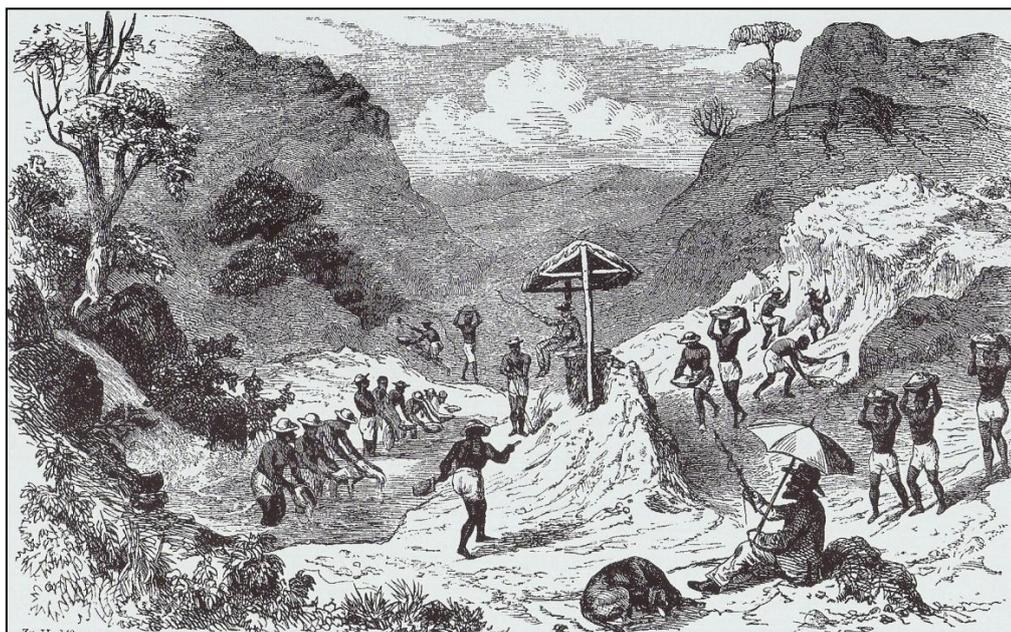


Figura 2 - Extração de Diamantes em aluvião no Ribeirão do Inferno, proximidades de Extração. Fonte: Tschudi, 2006 [1858]. Com esta imagem o professor pode desenvolver Temas Transversais como meio ambiente, cultura e valores.

Na figura 2, percebe-se a relação hierárquica colonial, contextualizando o regime escravocrata. Neste documento iconográfico o professor pode desenvolver com as crianças o tema Ética (valores humanos) visando a construção crítica sobre o preconceito na vida em sociedade.

As descrições dos espaços naturais e urbanos nas obras dos Naturalistas podem ser utilizadas tendo como base o Tema Transversal Meio Ambiente. Na figura 3 representa parte da cidade de Diamantina em 1868 e que atualmente é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade. Segundo os PCNs:

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais [...] (BRASIL, 1997a, pág.5)



Figura 3 - Diamantina (1858). Fonte: Tschudi, 2006. Nesta figura o professor pode trabalhar temas como meio ambiente e pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro.

Portanto, acredita-se que a melhor alternativa para inserir as obras dos Viajantes e Naturalistas do século XIX no ensino fundamental de 1º ao 5º ano seria explorar as gravuras contidas nas obras, o que pode estimular a interpretação de dados iconográficos, despertar o interesse por se referir aos temas locais e aumentar o sentimento de pertencimento ao seu lugar.

1.2 Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)

Na modalidade do ensino fundamental do 6º ao 9º ano a utilização dos documentos iconográficos também é importante. As habilidades adquiridas até esta etapa da educação básica possibilitam o contato direto com passagens das obras dos viajantes ainda que necessária a intervenção do professor quanto ao conteúdo para evitar interpretações equivocadas.

Pode-se dizer que os viajantes e naturalistas são os demiurgos da ciência no país, isso porque suas obras são fontes vastas de informações do Brasil oitocentista; Um exemplo disso foi o Barão de Eschwege que descreveu e nomeou a Serra do Espinhaço:

[...] A ela denominei Serra do Espinhaço (“Rückenknöchengebirge”), não só porque forma a cordilheira mais alta, mas, além disso, é notável, especialmente para o naturalista, pois forma um importante divisor não somente sob o ponto de vista geognóstico, mas também é de maior importância pelos aspectos da fauna e da flora. [...] (ESCHWEGE, 2005, p. 99)

Assim, quando passaram pelo Vale do Jequitinhonha, descreveram em seus cadernos de campo que posteriormente se tornaram livros, os saberes científicos e não científicos da região. Tal fato vai ao encontro de objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais que afirmam da necessidade de “reconhecer que a humanidade sempre se envolveu com o conhecimento da natureza e que a Ciência, uma forma de desenvolver este conhecimento, relaciona-se com outras atividades humanas” (BRASIL, 1998a, p. 60) é um objetivo hoje almejado dentro dos estudos do conteúdo das Ciências Naturais.

Ao chegar em São João da Chapada, Burton cita:

[...] Ali avistei o arraial de São João do Descoberto [*atual São João da Chapada*], que é considerado como o de altitude mais elevada do Município. A aldeia fica em um buraco raso, perto das minas que a originaram. Para oeste, está o Morro Redondo, um outeiro muito baixo, tendo em cima uma cruz muito alta; para leste, o cemitério, também com as suas cruzes [...] (BURTON, 1983, p. 113).

Neste distrito, no século XIX, o referido Morro Redondo era visível quando se olhava para Oeste; atualmente essa paisagem é comprometida pela prática da silvicultura do eucalipto. Mudanças no espaço natural estão condicionadas ao crescimento econômico e são perceptíveis em várias áreas do Vale do Jequitinhonha. Interpretar a paisagem tendo por base a comparação entre as informações históricas e atual é uma habilidade que os alunos podem desenvolver no ensino fundamental do 6º ao 9º ano e amplamente encontrada nas obras dos viajantes e naturalistas.

Dentre os vários pesquisadores que escreveram sobre as obras dos viajantes e naturalistas, há aqueles que procuraram reconstituir, com mapas temáticos, os itinerários percorridos por eles no século XIX (FIGURA 4). Esses mapas podem ser utilizados como transversalidade (fornecimento de dados locais) dentro das aulas de Cartografia, o que pode levar a uma maior atenção dos alunos nas aulas, por tratar de locais que já conhecem, sendo uma ótima oportunidade de trabalhar os conceitos da Cartografia já que “saber utilizar a linguagem cartográfica

para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos” (BRASIL, 1997b, p.81) é um objetivo geral da geografia para o ensino fundamental.

**Rotas de Visitas aos serviços de diamante:
Auguste de Saint-Hilaire (1817-1822), Richard Burton (1867).**

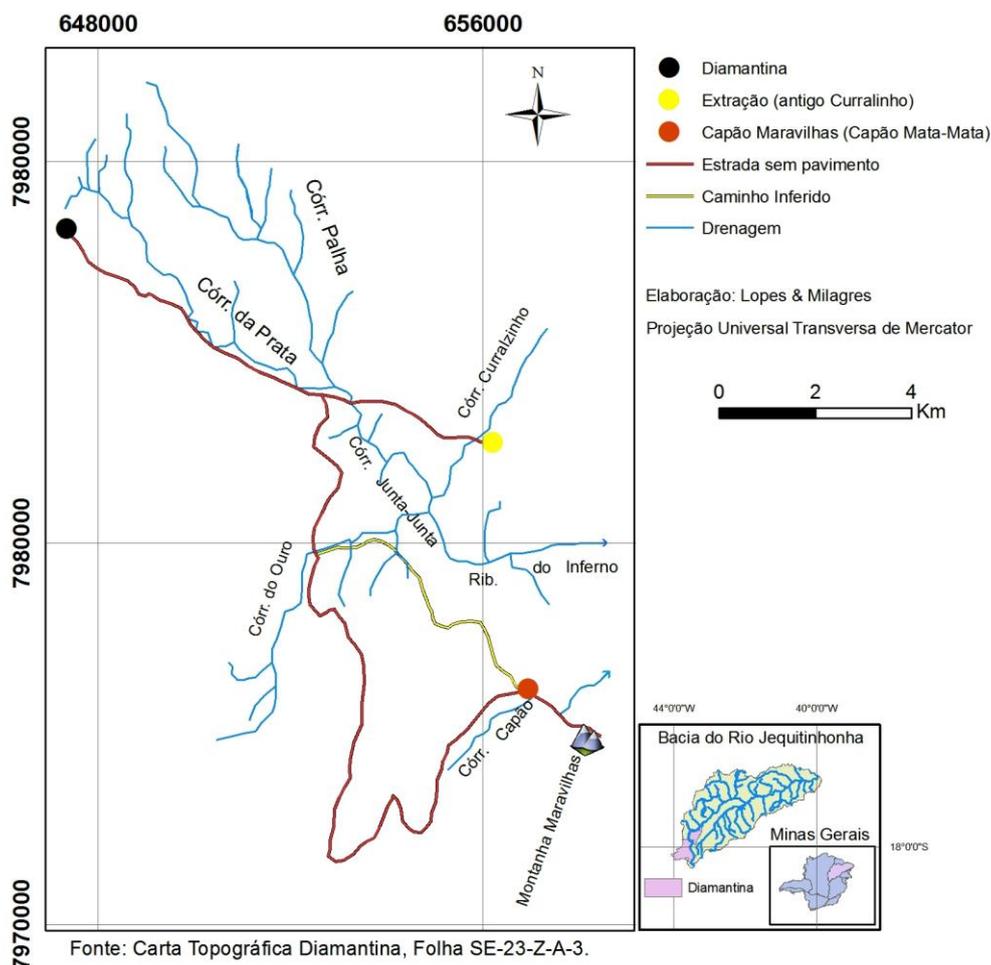


Figura 4 – Mapa representando os itinerários de alguns viajantes nas proximidades de Diamantina. Esses mapas podem ser importantes instrumentos pedagógicos no sentido de fornecer e especificar os conceitos da Cartografia. Fonte: Lopes *et al* (2011).

1.3 Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM, 2002) propõem três conjuntos de habilidades que os alunos devem obter: (i) comunicar e representar; (2) investigar e compreender e (3) contextualizar social ou historicamente os conhecimentos. No Ensino Médio pode ser trabalhada em sala de

aula a leitura, interpretação e compreensão das diversas informações científicas e não científicas nas obras dos viajantes e naturalistas.

Neste estágio da Educação Básica a estrutura curricular propõe ampla divisão das áreas do conhecimento como Biologia, Física, Química, Geografia, História, dentre outros que se encontram dentro dos eixos temáticos da estrutura obrigatória (FIGURA 1). Aqui se reafirma a importância e necessidade de inserção das obras dos viajantes nas escolas do Vale do Jequitinhonha. Isso porque trazem vastas informações a respeito do Vale oitocentista, possibilitando que o professor e aluno se interessem mais pelos temas trabalhados e apreendam conceitos diversos dentro de sua realidade.

Na leitura dos relatos encontraremos temas locais referentes à economia, cultura e ambiente, dando ao aluno a oportunidade de saberes acerca da região que vive e melhore sua capacidade de interpretação (MILAGRES *et al*, 2010, p. 28).

Quando o aluno se depara com dados estatísticos, desenhos geométricos ou cálculos de distância e média de tempo que os viajantes levavam para percorrer determinado espaço, haverá melhor absorção de conceitos matemáticos: “O Distrito dos Diamantes [...] está encravado na comarca do Serro Frio; ele faz parte da grande cadeia ocidental e compreende uma área, quase circular, de cerca de doze léguas de circunferência” (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 13).

Há também a presença das Ciências Naturais nas obras, pois vários desses viajantes/naturalistas forneceram informações sobre a flora regional associada a paisagem, uma fitogeografia poética:

[...] ali [entre Córrego Novo e Aldeia da Chapada] a vegetação torna-se um pouco mais vigorosa e são principalmente Compostas (gênero *Lycnophora*), Mirtáceas e outros arbustos que cobrem a terra. As folhas dos arbustos são em geral pequenas e de uma cor carregada. As Melastomatáceas de folhagem miúda, tão raras no sertão acham-se aqui em abundância e apresentam, como em todas as montanhas, grande número de espécies. (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 24).

Existem relatos que descrevem suas propriedades terapêuticas: “... *Mimosa Dumetorum* de trinta centímetros de altura, apresentando flores ora cor-de-rosa, brancas e escarlates do cravinho-do-campo, um arbusto cuja raiz é usada como purgante violento” (BURTON, 1976, p. 74).

Existem também descrições das doenças que afetaram a população regional na época e as suas principais causas:

O calor moderado que faz em Tijuco torna rara a lepra e a elefantíasis, enquanto que a inconstância da temperatura multiplica as gripes e bronquites. Outras afecções mórbidas são comuns no distrito dos diamantes; mas não é ao clima que devemos atribuí-las; elas são oriundas dos vícios e costumes dos moradores da região[...] (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 31).

Descrições ligadas à História e Geografia estão presentes em grande parte das obras. Estas disciplinas curriculares são de grande importância para a formação de qualquer pessoa e, dada a importância do erário mineral do Alto Vale do Jequitinhonha, os viajantes e naturalistas prestam-se a descrições minuciosas destas áreas de conhecimento. Os livros trazem aos alunos noções de tempo, espaço, informações sobre os aspectos geológicos da região de Diamantina: “No distrito do Serro Frio, onde nascem os rios diamantíferos afluentes do grande Rio Jequitinhonha, bem como os outros que correm para o rio São Francisco, a rocha predominante é o itacolomito [...]” (RENGER apud ESCHWEGE, 2005, p. 107).

Encontra-se também a inserção histórica de Diamantina no contexto de Minas Gerais e do mundo: “Tijuco, aldeia da Comarca do Serro, tornou-se freguesia em 06 de setembro de 1819, vila em 13 de outubro de 1831 e Cidade Diamantina pela Lei Provincial nº 93, de 1838” (BURTON, 1983, p. 93).

Quanto ao clima, podem-se encontrar relatos precisos de Diamantina, tais como:

[...] A altitude da cidade é uma das maiores do império e para atingi-la tivemos de subir sete níveis diferentes. Os meses mais frios são os de junho, julho e agosto, quando as geadas são comuns nos ambientes mais baixos...De novembro a fevereiro, é o tempo do calor, e o termômetro ascende de 64º a 88º [...] a atmosfera clara e revigorante permite a cultura de frutas e hortaliças européias [...] (BURTON, 1983, p. 291).

Em nota do autor sobre sua descrição da paisagem para se chegar a Diamantina, Richard Burton cita que outros viajantes acreditam que a altitude gira em torno de 4.000 a 5.702 pés (cerca de 1700 metros) acima do nível do mar. Na viagem de Richard Burton da região de Curvelo em direção à Diamantina, o autor cita sete níveis altimétricos diferentes a partir do Rio das Velhas, quando inicia sua subida pela Serra do Espinhaço: o primeiro nível no Rio Paraúna; o segundo no Riacho do Vento; o terceiro na Chapada; o quarto no alto da Contagem (região da estação eólica); o quinto em Gouveia; seguido pelo sexto patamar na região de Bandeirinha e por fim, o sétimo patamar em Diamantina.

John Mawe, por exemplo, descreve a formação urbana do antigo arraial do Tijuco: “O Tijuco, pela sua posição, no declive da montanha, é irregularmente construído. As ruas são desiguais, mas as casas em regra são bem feitas e bem conservadas, em comparação com outras cidades do interior.” (MAWE, 1978, p. 159). Aspectos sociais são amplamente relatados:

[...] pobre aldeia [*Itambé*] construída perto do lindo regato do mesmo nome. Este lugar foi outrora de alguma importância, mas se tornou miserável por ter faltado ouro em sua vizinhança. Conta cerca de mil habitantes, todos reduzidos ao último grau de penúria e apatia [...] (MAWE, 1978, p. 145).

Nota-se que há por parte desses viajantes preocupações em entender como eram as relações afetivas entre os brasileiros e mais, eles faziam comparações entre as cidades brasileiras e outros lugares nos quais já haviam conhecido: “Ao fim do dia alcancei uma eminência, da qual avistei um grupo romântico de casas [*São Gonçalo*], casas semelhantes a um labirinto ou a uma cidade negra da África...” (MAWE, 1978, p. 151).

Na área da educação artística, as obras trazem um viés de conhecimentos a respeito da arte local dos cidadãos diamantinenses da época:

Os habitantes do Tijuco são principalmente notáveis na arte caligráfica e podem a esse respeito rivalizar com os mais hábeis ingleses. Tanto quanto pude julgar eles não são menos hábeis na arte musical que os outros habitantes da província, e uma missa cantada que assisti na igreja de S. Antonio não me pareceu inferior à que assisti há alguns meses antes na Vila do Príncipe (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 33).

Conforme exemplificado, as obras dos naturalistas podem ser amplamente trabalhadas como forma de transversalidade no ensino médio, esses dados reforçam a existência de fontes excepcionais que retratam o Brasil e em especial o Vale do Jequitinhonha que, quase sempre, são deixadas de lado, visto que descrições peculiares e locais não são abordadas em livros didáticos.

Considerações Finais

Diante de tudo apresentado, reafirma-se que essas obras devem ser aderidas como tema transversal nas estruturas curriculares dos ensinos fundamental e médio, porque servem de base para os alunos nas diversas áreas do conhecimento, além de proporcionar assuntos relacionados à sua região que são mais atraentes e

significativos, aguçando assim uma visão mais crítica dos problemas mundiais voltados para sua realidade. Nestas obras, encontram-se relatos tão detalhados que nos permitem compreender as realidades sociais, econômicas e políticas dos dias atuais através dos contextos históricos.

Portanto, acredita-se que um dos caminhos para uma educação de qualidade no Vale do Jequitinhonha seria a inserção de obras apresentadas neste estudo às aulas, pois nelas se encontram importantes possibilidades de Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de forma dinâmica e voltada a assuntos locais cujo impacto será a valorização regional e local por meio dos relatos. Acredita-se que esta seja uma das formas de proporcionar mais qualidade aos níveis e modalidades da educação brasileira.

Abstract: The proposal for a quality education must be linked to the insertion of transversal themes in schools in order to increase their knowledge so that they are not restricted to just the traditional areas but connect them to other topics, such as Ethics, Cultural Diversity, Environmental, Health, Sexual Orientation, Work, Consumption and Local Issues, giving relevance to interdisciplinarity. Aiming to help the quality of basic education in the Jequitinhonha Valley, respecting the guidelines of the National Curricular Parameters (PCN), this paper proposes the insertion of XIXth Century literature of travelers and naturalists in basic education as a further possibility of inclusion of transversal themes dynamically and complementary, providing students the ability to perceive their reality and generate criticism around it.

Key words: Traveler / Naturalist, Curricular National Parameters, Transversal Themes, Interdisciplinarity.

Referências:

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética. Brasília: MEC/SEF, 146 p., 1997a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro082>>.pdf. Acesso em: 07 fev. 2012.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros curriculares nacionais: História/Geografia. Brasília, MEC/SEF, 166 p. 1997b. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>>.pdf. Acesso em: 07 fev. 2012.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais. Brasília, MEC/SEF., 136 p., 1998a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais. Brasília, MEC/SEF, 436 p., 1998a Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: Geografia (Volume 5). Brasília, MEC/SEF. 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 07 de fev. 2012.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: História. Brasília, MEC/SEF. 108p. 1998c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ensino médio. Brasília: MEC. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2011.

BURTON, R. F. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. [1869]. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: USP. 1976.

BURTON, R. F.. **Viagens aos Planaltos do Brasil**. [1869] Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação pró-Memória, tomo 2, Minas e os mineiros, 1983.

ESCHWEGE, W.. Quadro Geognóstico do Brasil e provável Rocha Matriz dos Diamantes. **Revista Geonomos**, v.13, 97-109, 2005.

ESCHWEGE, W. **Pluto Brasiliensis**. [1833]. Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, v.2, 1979.

LOPES, F. A. MILAGRES, A. R. PIUZANA, D. MORAIS, M. S. Viajantes e Naturalistas do Século XIX: A Reconstrução do Antigo Distrito Diamantino na Literatura de Viagem. **Caderno de Geografia**, v.21, nº 36, p. 66-84, 2011.

MILAGRES, A. R. LOPES, F. A. PIUZANA, D. MORAIS, M. S. **A importância dos Viajantes e Naturalistas para o educação no Vale do Jequitinhonha**, *in*: Anais do Seminário de Pesquisa e Prática Pedagógica da UFVJM, p.27-33, 2010.

MAWE, J. **Viagens ao interior do Brasil**. [1813]. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

MORAES, M. S.S. Os Temas Transversais/político-sociais na formação de valores no ensino-aprendizagem da matemática. In CARDOSO, C. M. (Org.) **Diversidade e igualdade na comunicação** - coletânea de textos do Fórum da Diversidade e Igualdade: cultura, educação e mídia. Bauru: FAAC/Unesp, SESC, SMC, 2007. Disponível em <<http://www.faac.unesp.br/publicacoes/forum>> . Acesso em: 20 de fev. de 2010.

RIBEIRO, R. F. **Florestas anãs do sertão** – O cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1, p. 480, 2005.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. [1833]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SAINT-HILAIRE, A.. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. [1830]. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SPIX, J. B. V, MARTIUS, K. F. P V. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981 [1823].

TSCHUDI, J. J. **Viagens através da América do Sul**. V. II, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006.

Texto acadêmico publicado em 10 de maio de 2012, na
Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG –
Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM –
www.ufvjm.edu.br/vozes